

O DIABO INVENTOU A ESCOLA? A ESCOLA ATIVA NA VISÃO DE ADOLPHE FERRIÈRE

GT 2 História da Educação

Eliane Teresinha Peres

FaE/UFPel

CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação)

1. O Profeta da Educação Nova: Adolphe Ferrière

“Queiram ouvir esta história.

Um belo dia, deu o diabo uma saltada à terra, e verificou, não sem despeito, que ainda cá se encontravam homens que acreditassem no bem. Como não falta a Belzebú um fino espírito de observação, pouco tardou em se aperceber que essas criaturas apresentavam caracteres comuns: eram boas, e por isso acreditavam no bem; eram felizes, e por conseqüências boas; viviam tranqüilas, e por isso eram felizes. O diabo concluiu, do seu ponto de vista, que as coisas não iam bem, e que se tornava necessário modificar isto.

E disse consigo: ‘A infância é o porvir da raça; comecemos, pois, pela infância.’

E apresentou-se perante os homens como enviado de Deus, como reformador da sociedade. ‘Deus’, disse Belzebú, ‘exige a mortificação da carne, e é mister começar desde criança. A alegria é pecado. Rir é uma blasfêmia. As crianças não devem conhecer alegrias nem risos. O amor de mãe é um perigo: afemina a alma dum rapaz; é preciso separar mãe e filho, para que coisa alguma se oponha à sua comunhão com Deus. Torna-se necessário que a juventude saiba que a vida é esforço. Façam-na trabalhar (...); encham-na de aborrecimento. Que seja banido tudo quanto possa despertar-lhe interesse: só é proveitoso o trabalho desinteressado; se nele se mistura prazer, está tudo perdido!’

Eis o que disse o diabo. A multidão, beijando a terra, exclamou:

- Queremos-nos salvar! Que devemos fazer?

- Criem a escola.” (...)

(Adolphe Ferrière, 1928, p. 11/12).

Adolphe Ferrière (1879-1960) publicou a *historieta* reproduzida acima em 1920, em um livro chamado *Transformons l'école*, que foi traduzido para a língua portuguesa,

em Portugal, em 1928 (*Transformemos a Escola. Apelo aos pais e às autoridades*. Paris: Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy)¹. Num ato de coragem e ousadia para a época e para o lugar, Adolphe Ferrière sofreu algumas conseqüências por ter escrito tais palavras: foi alvo de críticas, pois a relação entre a escola e a criação diabólica foi considerada ofensiva a uma das instituições mais importantes e *sagradas* da sociedade (vivia-se ainda um período de celebração da escola decorrente da crença dos poderes dessa instituição, vivido ao longo do século XIX, chamado de “século da escola” e, também, “século da infância”). Adolphe Ferrière foi obrigado a se retratar em função dessa história. Alguns anos depois de ter publicado o livro *Transformons l'école*, escreveu em outro livro, *L'école sur mesure à la mesure du maitre*, de 1931 (traduzido para o português em 1934: *A escola por medida pelo molde do professor*. Porto: Editora Educação Nacional), que fora mal compreendido, que sua intenção não era ofender pais, professores e tampouco “manchar” a imagem dessa cândida instituição, a escola (Cf. Adolphe Ferrière, 1934, pg. 51).

Adolphe Ferrière foi um dos nomes mais expressivos do movimento da Educação Nova. Foi fundador do *Bureau International d'Éducation Nouvelle* (1899) e um dos fundadores, juntamente com Pierre Bovet e Edouard Claparède, do *Institut Jean Jacques Rousseau* (1912), em Genève. Ajudou a criar, em 1921, durante o *I Congrès Internacional de l'Éducation Nouvelle*, em Calais, na França, a *Ligue Internacional pour l'Éducation Nouvelle*. Foi, durante muito tempo, diretor e colaborador da revista da Ligue, *Pour l'ère nouvelle*. Esteve, também, a frente dos trabalhos do *Bureau Internacional d'Éducation* (criado em 1925). Ficou conhecido, ainda, por ser o redator dos 30 pontos da Educação Nova, publicado pela primeira vez no livro de Faria Vasconcelos, *Une École Nouvelle em Belgique* (1915). Escritor de vários ensaios sobre a Escola Ativa, Ferrière foi, sem dúvida, um sujeito polêmico, crítico da escola de seu tempo e, também, convicto defensor dos princípios da Escola Ativa. Foi chamado de **profeta da Educação Nova**, de **advogado entusiasta da Pedagogia Funcional** (Émile Planchard no Prefácio da tradução portuguesa de *A Escola Activa*, 1965), de **apóstolo**

¹Tive a oportunidade de consultar um exemplar dessa tradução (**Transformemos a Escola. Apelo aos pais e às autoridades**) que foi de um dos tradutores - Álvaro Viana de Lemos, um dos nomes mais expressivos do movimento da Escola Nova em Portugal. Junto ao livro há um recorte de jornal de um artigo de Ferrière com as seguintes anotações manuscritas: “Esta edição foi malfadada por motivo do levantamento de Braga ... de fev. de 27. Eu estivera com A. Sérgio em agosto ou setembro em Paris. Meu pai faleceu em...”. “Não saiu no livro/que não foi posto a venda em Portugal. A edição foi toda para o Brasil por motivos políticos e portanto teve em parte da redação diferente da que os 2 tradutores lhe havia, dado. AL. A questão da tradução das obras de Adolphe Ferrière para o português e da sua circulação em Portugal e no Brasil é um trabalho que está em andamento.

convencido e incansável, mais fascinante filósofo da educação renovada (Lourenço Filho na apresentação da edição brasileira de *A lei biogenética e a Escola Activa*, 1929), de **grande apóstolo da Educação Nova** (António Sérgio no prefácio da obra *Transformemos a escola*, 1928). Ferrière foi, acima de tudo, um propagandista dos princípios da Escola Ativa.

No intuito de divulgar sua obra e suas idéias Ferrière *excursionou*, durante o ano de 1930, por alguns países da América do Sul², designadamente pelo Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e ao final desse trajeto seu destino foi o Brasil. Não pode, porém, em função da agitação e dos acontecimentos desencadeados pela Revolução de 30, desembarcar do navio que o trouxera das terras platinas. Impossibilitado de desembarcar no Rio de Janeiro, Ferrière seguiu, então, diretamente para Portugal e Espanha, permanecendo apenas um dia em terras brasileiras a bordo do navio. Ferrière registrou o itinerário da sua viagem: “celui-ci [a viagem] nous conduisit, d’avril à octobre 1930, par le canal de Panama, en Equater (six semaines), au Pérou (trois jours), au Chili (six semaines), puis à Mendoza et à Buenos Ayres (trois semaines), Montevideo (dix jours), Rosario, Santa Fé, Paraná; au Paraguay (doze jours) et à Rio (un jour) (A. Ferrière, 1931, p.8).

A viagem de Adolphe Ferrière foi, segundo ele mesmo registrou, uma demanda da seção da *Ligue Internacional pour L’Éducation Nouvelle* do Chile. Segundo Ferrière, o representante da *Ligue* chilena escreveu a ele, em 1928, nos seguintes termos: “pouvez-vous nous recommander un conférencier qui pourrait venir parler ici de l’Education Nouvelle? Il serait bon que quelqu’un de compétent vînt faire le point et donner l’interprétation conforme à la science, de doctrines divergentes aujourd’hui aux prises au Chili” (Ferrière, 1931, p.13). E segue Ferrière explicando a ‘origem’ da sua viagem pela América Latina: “en même temps, le centre européen de la Ligue elle-

²Ferrière registrou suas conferências e seus contatos na América do Sul. Segundo ele, foram 11 conferências no Equador (8 em Quito, 1 em Riobamba, 2 em Guayaquil); 2 no Peru (em Lima); 23 no Chile (14 em Santiago, 4 em Conception, 1 em Chillan, 4 em Valparaíso); 26 na Argentina (7 em Mendoza, 3 em La Plata, 12 em Buenos Aires, 1 em Rosario, 1 em Parana, 1 em Santa Fé e 1 em Posadas); 10 no Uruguai (8 em Montevideo e 2 em Colonia Valdense); e finalmente, 6 no Paraguai (5 em Assunción e 1 em Villarica). Foram, no total, 78 conferências proferidas por Ferrière durante sua estadia na América (Ferrière, 1931, p. 17). Em relação aos seus contatos com autoridades políticas e educacionais, Ferrière registrou que foi recebido pelas seguintes pessoas: no Equador pelo Presidente da República, Ministro da Instrução Pública e Diretor do Ensino Primário; Peru: Ministro da Instrução Pública e Reitores das Universidades de Lima e de Cuzco; Chile: Ministro da Instrução Pública e Diretores do Ensino Primário e Secundário; Argentina: Presidente da República, Diretores do Ensino Primário e Secundário, Reitores das Universidades de La Plata e Buenos Aires; Uruguai: Ministro da Instrução Pública, Diretor do Ensino Primário, Reitor da Universidade; Paraguai: Presidente da República, Ministro da Instrução Pública, Diretor do Ensino Primário, Reitor da Universidade (1931, p. 18-19).

même et le Bureau International d'Éducation de Genève ont manifesté le désir d'établir des contacts plus étroits avec les pédagogues de renom et les autorités scolaires de l'Amérique Latine. Ce concours de circonstances a entraîné la décision et l'on a choisi d'un commun accord, pour ce voyage, l'année 1930" (p. 13).

Este foi um dos objetivos da viagem de Adolphe Ferrière: estabelecer contatos com pedagogos e professores da América Latina. Pretendia, também, conhecer as experiências pedagógicas renovadoras desses países e recolher documentação para o *Bureau International d'Éducation Nouvelle*. Durante os seis meses em que passou visitando os países da América do Sul, conhecendo as experiências pedagógicas de caráter inovador e reunindo material educacional para o *Bureau*, Adolphe Ferrière ministrou cursos, proferiu inúmeras palestras, visitou instituições, foi recebido por autoridades locais e manteve contato com pedagogos e professores dos países em que visitou (Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai).

Além desse trabalho de divulgação de suas idéias pela América do Sul, é preciso considerar que as traduções de algumas obras de Adolphe Ferrière, tanto para o português quanto para o espanhol, foram uma tentativa de ampliar o público leitor dessa literatura pedagógica e de conquistar novos “seguidores” e adeptos dos princípios da Escola Ativa fora do contexto europeu. Foi possível, até agora, identificar cinco obras de Adolphe Ferrière traduzidas para o português. São elas:

1. **A lei biogenética e a Escola Activa.** São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos, 1929. (Biblioteca de Educação). Tradução de Noemy Silveira. Apresentação de Lourenço Filho³.
2. **Transformemos a Escola. Apelo aos pais e às autoridades.** Paris: Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, 1928. (Biblioteca do Educador). Tradução de Álvaro Viana de Lemos e João Ferreira da Costa. Prefácio de António Sérgio. Original: *Transformons l'Ecole. Appel aux parents et aux autorités* (1920).
3. **A Escola Activa.** 1ª tradução: 1934. Porto: Editora Educação Nacional. Tradução, adaptação e comentários de Domingos Evangelista. Traduzido da 4ª edição (Reduzida à um volume): *L'Ecole Active* (1927).

³Para o caso desta tradução brasileira não há indicações se foi utilizado ou não o original escrito por Ferrière. Fica difícil precisar de onde Noemy Silveira fez a tradução. Em algumas obras de Ferrière há indicação de que este trabalho foi publicado por ele em 1910 em “Arquivos de Psicologia”. Outro dado é de que em 1928, havia sido publicado em língua espanhola *La Ley biogenética y la Escuela Activa*, com um estudo preliminar de Lorenzo Luzuriaga (Madrid: Publicaciones de la Revista de Pedagogia, 1928).

4. **A Escola Activa.** 2ª tradução: 1965. Lisboa: Editorial Aster. Tradução: Jorge Babo. Prefácio: Émile Planchard. Traduzido e extraído das obras *L'Ecole Active e Autonomie des Ecoliers*. Original: *L'Ecole Active* (1920). Tomo I e II e *Autonomie des Ecoliers*.
5. **A escola por medida pelo molde do professor.** Porto: Editora Educação Nacional, 1934. Tradução: Vítor Hugo Antunes. Original: *L'école sur mesure à la mesure du maitre* (1931).

2. Algumas considerações sobre as obras de Ferrière traduzidas em Portugal e Brasil

António Sérgio, pedagogo, filósofo e ensaísta português⁴, exilado em Paris, fundou, em 1928, a **Biblioteca do Educador**. É o próprio fundador e diretor dessa Biblioteca quem faz o prefácio daquela que é provavelmente a primeira obra de Adolphe Ferrière traduzida para a língua portuguesa. Segundo as palavras do próprio António Sérgio, a tradução de **Transformons l'école**, foi feita por um “nobre pedagogo”, Álvaro Viana de Lemos, professor da Escola Primária de Coimbra, e por um “talentoso artista”, João Ferreira da Costa (Nota 1, p. 7). No prefácio da obra **Transformemos a Escola. Apelo aos pais e às autoridades** (1928), António Sérgio dirige-se a Ferrière como “um grande apóstolo da Educação Nova” (p. 5). Apresenta, também, o principal objetivo dessa tradução: dar às pessoas não familiarizadas com a Educação Nova “o conhecimento da inspiração geral da moderna ciência pedagógica”, bem como “preparar para a faina que projectamos (a da reforma eficaz da educação pública portuguesa) a atmosfera de simpatia sem a qual a veríamos estiolar-se, no meio da indiferença, da incompreensão, e até da hostilidade da nossa gente” (p. 5). A reforma da instrução pública parece ter sido o mote principal para a tradução dessa obra. Vale a pena a transcrição de uma nota de rodapé feita por António Sérgio no início do Capítulo II. Em sequência à nota do autor, na qual Ferrière alerta que tal capítulo, *A escola e as reivindicações da Psicologia*, tinha sido escrito para um congresso de neurologia, e que

⁴ António Sérgio de Sousa (1883-1969) foi um dos principais líderes do processo de renovação pedagógica de Portugal desde os anos 20. “Fundador da Junta Propulsora dos Estudos. Responsável pela secção portuguesa da Liga Internacional Pró-Educação Nova. Director da Liga Propulsora da Educação em Portugal. Ministro da Instrução Pública de dezembro de 1923 a fevereiro de 1924” (Candeias, A., Nóvoa, A., Figueira, M.H. *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa, 1995). António Sérgio foi, também, aluno do Institut J.J. Rousseau em Genève entre os anos de 1914 e 1916.

portanto era dirigido a médicos e a outros cientistas, e que por essa razão não julgou necessário desenvolver certos princípios de ordem biológica e psicológica, António Sérgio diz:

(...) Como porém a tradução portuguesa da obra não é destinada a cientistas, mas à propaganda a favor da reforma da educação junto ao grande **público português e brasileiro**, e a preparar ambiente para a obra renovadora de uma ‘Junta de Orientação dos Estudos’ (cuja criação propugnamos) esclareceremos em duas ou três notas os pontos que nos parecem carecer delas” (Nota 1, p. 49. Grifo meu).

Nesse prefácio, bem como nas notas que incluiu, António Sérgio faz um apelo contundente para a formação dessa “Junta de Orientação dos Estudos”. A Junta, segundo A. Sérgio, seria um organismo “independente da máquina oficial da instrução pública” e teria como fim a “preparação da futura escola” (p.6). Ele conclui seu prefácio com um forte apelo à juventude do país, “aos moços generosamente, couraçados de tenacidade e de paciência heróica”, para que dessem continuidade, sem esmorecer, a obra de renovação social pela via da escola. A tradução dessa obra parece indicar um esforço do grupo ligado a renovação educacional em Portugal, no sentido de divulgar e popularizar as idéias do movimento da Escola Nova. Dois importantes nomes do movimento renovador português estiveram envolvidos diretamente na tradução dessa obra: António Sérgio, como diretor da série e redator do prefácio da tradução, e Álvaro Viana de Lemos, como um dos tradutores do livro.

Além do **Prefácio** de António Sérgio, o livro *Transformemos a escola* está assim dividido: **Prólogo**, contendo a história, em parte reproduzida no início desse trabalho, e quatro capítulos. Cada capítulo contém, ainda, seções. A organização é a seguinte: Capítulo I: **As responsabilidades**. I. A propósito do impulso vital; II. De quem é a culpa?; III. Os pais; IV. Uma colaboração necessária. Capítulo II: **A Escola e as reivindicações da Psicologia**. I. As seis principais leis da evolução psicológica; II. De que maneira a escola tradicional se conduz a respeito destas leis; III. Como a escola nova compreende a aplicação destas leis. Capítulo III: **Algumas escolas modelos**. I. As escolas Montessori; II. As escolas do Dr. Decroly; III. As escolas novas no campo; IV. A escola de Odenwald, de Paul Geheeb; V. A escola de Hof-Oberkirch, de Hernman Tobler, e a economia de forças no horário escolar; VI. A escola de cultura comum de Paulo Desjardins; VII. A Universidade Popular por correspondência do Dr. N. Rubakine; VIII. A Universidade Popular no campo, de Nerman Lietz; IX. O educador

do futuro. Capítulo IV: **Ante-projeto de Reforma da Educação Pública na Suíça**. I. O regime actual – Questões de organização - Acção pedagógica; II. O regime de transição; III. O regime do futuro – A educação nova, objecto, métodos e programas – A educação física – Organização dos estudos – A educação moral e social; IV. Disposições gerais. Por fim, as conclusões do autor.

Pela sua especificidade, a primeira tradução de **L'école Active** (A Escola Activa, 1934), merece uma atenção especial. O tradutor Domingos Evangelista fez, como ele mesmo afirma, mais que uma tradução. O pedagogo português fez uma adaptação do original de Ferrière **L'école Active**, publicado pela primeira vez em 1922. Isso está anunciado ao leitor já na capa da obra traduzida: *tradução, adaptação e comentários de Domingos Evangelista*. Há, também, depois de um breve prefácio de Adolphe Ferrière que leva o sugestivo nome de **Que é a Escola Activa?**, e de um **Prefácio à tradução portuguesa**, também do próprio Ferrière, um texto de Domingos Evangelista denominado **Prevenção do tradutor**. Nesse texto, o leitor é *prevenido* do tipo de tradução feita: uma versão independente, reduzida, comentada, com páginas originais omitidas e adequada a realidade portuguesa (p. XIII-XIV). Pode-se dizer, assim, que no seu trabalho de tradução, adaptação e comentários, Domingos Evangelista fez de **L'école Active**, uma *outra* obra: incluiu subtítulos, ao lado do texto, destacando a ideia principal do trecho e, também, notas **explicativas**, **opinativas** e **de resumos** da obra original.

A tradução portuguesa de 1934 tem a seguinte estrutura: **Que é a Escola Activa?**; **Prefácio a tradução portuguesa** (ambos de Ferrière); **Prevenção do tradutor**. Seguindo, então, dos capítulos: **A Escola Activa**; Capítulo I: **Alguns precursores da Escola Activa**; Capítulo II: **A actividade manual na Escola Activa**; Capítulo III: **A actividade social na Escola Activa**; Capítulo IV: **A actividade intelectual na Escola Activa**; Capítulo V: **O futuro da Escola Activa**. O livro tem, ao todo, 195 páginas. Ainda há, nessa primeira tradução/adaptação portuguesa, o *Prefácio* de Ferrière da 3ª e 4ª edições francesas. A tradução em Portugal foi feita pela 4ª edição, quando o autor tinha já suprimido uma parte considerável da obra inicial (1ª edição). Conforme o autor mesmo afirma, desde a 3ª edição do livro em francês ele havia suprimido a parte histórica e a parte psicológica da obra original.

A segunda tradução de **L'école Active** (A Escola Activa, 1965), foi feita por Jorge Babo e prefaciada por Émile Planchard (Universidade de Coimbra). A estrutura da obra é a seguinte: **Prefácio da quinta edição**, Capítulo I: **O que é a “Escola**

Activa” (mesma questão da primeira tradução); Capítulo II: **Os fundamentos psicológicos da Escola Activa** (não aparece na primeira tradução); Capítulo III: **A actividade manual na Escola Activa**; Capítulo IV: **A actividade intelectual na Escola Activa**; Capítulo V: **A actividade social na Escola Activa** (os três incluídos na primeira tradução); Capítulo VI: **A autonomia dos estudantes**; Capítulo VIII: **Inconvenientes e vantagens da autonomia**; Capítulo VIII: **As condições do êxito** (três últimos ausentes da primeira tradução). Na verdade, há indicação de que essa tradução (adaptação?) foi feita a partir de duas obras de Ferrière: *L'école Active e Autonomie des Ecoliers*, o que faz dessa obra, em relação a primeira, praticamente outra tradução.

A obra, **A escola por medida pelo molde do professor**, publicada pela Editora Educação Nacional, de Porto, em 1934, foi traduzida por Vítor Hugo Antunes. O livro está organizada em duas partes: *Parte Crítica* (I) e *Parte Construtiva* (II). Na Parte I o título é **Exposição Documentada** e há sete itens desenvolvidos: I. A escola por medida; II. O molde do professor; III. O sistema dos programas múltiplos; IV. A nova criança; V. A escola serena; VI. O professor da Escola Nova; VII. A personalidade do professor. Na Parte II, intitulada **Como se põe o problema**, são desenvolvidos os itens VIII ao XVIII e que denominam-se: VIII. A escola como instrumento do professor; IX. O obstáculo dos exames; X. Programas e horários; XI. Métodos antigos e novos; XII. A reforma pedagógica; XIII. O professor novo; XIV. A escola pública renovada; XV. Os diversos programas; XVI. Para uma melhor preparação do corpo docente; XVII. Realizações em matéria de legislação escolar; e, por fim, no item XVIII, o autor apresenta as suas conclusões.

Nesta obra, Ferrière ocupa-se basicamente do professor e de sua formação. Certamente provocando seu colega de Instituto, Edouard Claparède, que na mesma época escrevera *A escola por medida*, cuja centralidade eram os alunos, as diferenças individuais e os processos de aprendizagem, Ferrière faz reflexões em torno de uma questão principal: “porque nos preocupamos com as aptidões do aluno e não com as do professor?” (1934, p. 9).

Única obra de Ferrière traduzida no Brasil, a **Lei biogenética e a Escola Activa** foi publicada como volume IX da Biblioteca de Educação da Companhia Melhoramentos de São Paulo, em 1929. A Biblioteca de Educação foi um dos projetos editoriais mais importantes dos anos 20-30 no campo educacional; organizada e dirigida por um dos homens mais importantes e influentes do campo pedagógico brasileiro, Lourenço Filho, era destinada “aos srs. professores, primarios e secundarios,

normalistas e estudantes, como aos srs. paes em geral, interessados em conhecer, de um modo claro e conciso, as bases scientificas da educação e seus processos racionaes” (A lei biogenetica e a Escola Activa, 1934). A tradutora, Noemy Silveira, foi professora na Escola Normal e assistente de Lourenço Filho.

A estrutura do livro é a seguinte: inicialmente, uma espécie de prefácio (embora não leve esse nome) denominado de **Ferrière e a “Escola Nova”**, escrito por Lourenço Filho; seguida das duas partes da obra. A primeira, com quatro capítulos: **I. Correntes novas no campo da Educação; II. O objectivo da Escola Popular; III. Meios para atingir o verdadeiro objectivo da Escola Popular; IV. Resumo e Conclusões da I Parte.** A segunda parte inicia-se com o texto: **Projecto de organização da Escola Nova. § 1 – Do Programma de Estudo.** Em seguida, são apresentadas três seções: **Primeira Secção – Período dos interesses imediatos. Alunos de 6 a 9 anos; Segunda Secção – Período dos interesses concretos especializados. Crianças de dez, onze e doze anos; Terceira secção: Período de interesses abstractos. Crianças de 13 a 14 anos. § 2 – Do horário – Subdivisão das horas de estudo.**

A estrutura das obras de Ferrière traduzidas no Brasil e em Portugal permite-nos perceber o quanto algumas questões eram recorrentes na produção do autor. Esclarecer pontualmente os princípios da Escola Ativa era uma das principais preocupações de Ferrière.

3. Obreiros e construtores da paz e da justiça: a Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière

Ainda há pouco uma das mais experimentadas educadoras suíças exclamava, depois de ter considerado o horizonte do futuro de uma educação nova ao serviço da vida e servida pela ciência: devia lançar-se fogo a todas as escolas actuais e mandar embora os professores, a fim de que melhor se pudesse reedificar sobre um terreno novo! É um exagero, sem dúvida, tal afirmação, mas contém uma grandessíssima verdade (...). A escola tradicional já deu o que tinha que dar, já viveu o que tinha que viver (Adolphe Ferrière, 1920, In: Nóvoa, António, 1995, p. 25).

(...) Á bomba atómica destruidora, é necessário opor esta energia atómica de ordem constructiva e espiritual: a Escola Activa! E que esta vença em poderio aquela (Adoplhe Ferrière, 1965, p. 17).

As palavras de Adolphe Ferrière são emblemáticas e sintetizam a vontade de todas aqueles que ao redor do mundo aderiram aos princípios da Escola Ativa: mudar a

sociedade! Preservá-la dos malefícios humanos! Construir através da escola um “novo mundo”! Espiritualizar as novas gerações! Remediar os males sociais e morais! Lourenço Filho, ao traduzir uma das obras de Ferrière para o português, afirmou que *a redempção da humanidade pela obra da escola renovada* foi a idéia que fez de Ferrière o “apóstolo incansável da Educação Nova” (1929, p. 5).

Ferrière foi, por um lado, um crítico veemente do que denominava de escola tradicional e, por outro, depositava todas as suas esperanças na “nova escola”. Ao referir-se aos educadores ligados à Educação Nova, António Nóvoa (1995) afirmou que, paradoxalmente, “nunca ninguém desconfiou tanto da escola e nunca ninguém acreditou na escola como os grupos que deram corpo e voz à Educação Nova” (p. 31). Certamente Adolphe Ferrière expressa bem esta posição. Para Nóvoa, com o movimento da Escola Nova, “pela primeira vez, na história da pedagogia, uma corrente de pensamento alicerça suas propostas de acção numa crítica de fundo ao modelo escolar. Era enfim revelado o reverso da medalha da educação escolarizada, cuja virtudes tinham sido cantadas ao longo de todo século da escola (1995, p. 31).

A história do movimento da Escola Nova revela que havia muitas divergências e discordâncias em relação *ao quê e como* seria a escola renovada. Neste sentido, pode-se indagar: o que afinal unia homens e mulheres ligados ao movimento da Educação Nova espalhados ao redor do mundo, que no final do século XIX e principalmente início do século XX, insurgiram-se contra a escola e, ao mesmo tempo, tantas expectativas depositaram nessa instituição? Segundo Daniel Hameline, “a unidade das diferentes tendências da Educação Nova se fez em torno da crítica de uma educação que se dizia tradicional que não é fácil de precisar suas características senão dizer que ela é nociva para os educandos” (In Nóvoa, 1987, p. 733).

Adolphe Ferrière, ao referir-se à Escola Ativa – ao que tudo indica termo utilizado pela primeira vez por Pierre Bovet, diretor do Instituto Jean Jacques Rousseau, em 1918 -, dizia que tratava-se de um movimento de reacção contra o que subsistia de medieval na escola, contra seu formalismo e seu hábito de se colocar à margem da vida, contra a sua incompreensão radical daquilo que constitui o fundo e a essência da natureza da criança. Assim, para ele, Escola Ativa era a escola fundada sobre a **ciência da criança**, ou em outras palavras, era a aplicação das leis da psicologia à educação das crianças. Ferrière insiste neste aspecto em suas obras. Frisava que a Escola Ativa não era um método como tantos outros, mas a aplicação das leis da psicologia genética à educação. Para ele, não era possível atuar “sobre” a criança, mas incitá-la a agir

autonomamente. Dizia então: *Fora disto, não há Escola Activa* (1965, p. 16). Ferrière considerava que a Escola Ativa, “pela primeira vez na História fez justiça à criança” (1965, p. 23). Para ele, “os pedagogos do passado” teriam somente adivinhado a infância, com a Escola Ativa foi possível conhecê-la. Incansavelmente Ferrière questionava-se sobre *o que é a criança?*. Em **A Escola Activa** (1965), diz:

(...) A criança, muitas vezes se tem dito, não é um adulto incompleto: é, em cada idade, um ser ‘sui generis’ (...). Sob vários aspectos, é um primitivo, um involuído, um equivalente do selvagem, possuindo, a mais, todo um mundo de virtualidades ainda ocultas nas profundezas do seu organismo físico e psíquico, e que na altura própria surgirão à superfície (p. 24).

Ferrière defendia que uma das funções principais do professor era justamente a de “despertar” essas *virtualidades ocultas nas profundezas da alma infantil!* Com a divulgação da Escola Ativa Ferrière também ajudou a produzir, portanto, uma “nova” identidade docente. Ele afirmava que o “novo” professor deveria, entre outras coisas, ter autonomia pedagógica, dominar a ciência da infância, ser um observador tenaz, ser um provocador e condutor da espontaneidade das crianças, descobrir e despertar o interesse infantil, “ser contido” e não se antecipar às necessidades e interesses das crianças. Sintetizando: um profundo conhecedor da *alma humana!* Escreveu ele:

Observar a criança, despertar nela as suas curiosidades, esperar que o interesse a leve a formular perguntas, ajudá-la a achar-lhes a resposta; gastar poucas palavras e apresentar muitos factos, fazer observar ao vivo, analisar, experimentar, fabricar, colecionar: deixar à criança a liberdade da palavra e da acção na medida compatível não com uma certa ordem aparente, mas com o trabalho real; esperar que a necessidade dum estudo neste ou naquele domínio se manifeste nitidamente no aluno; nada forçar para não provocar os seus ‘reflexos de defesa’ que inibem cedo toda a acção progressiva espontânea; ser menos um professor e examinador que um ‘porteiro de espíritos’, menos um polícia que um bom juiz a que se recorre espontaneamente; ter uma alma rica de actividade própria, profunda, original, capaz de observar a serenidade e de se exprimir com sinceridade – eis o papel do educador moderno (1934, p. 191-192).

O movimento de renovação pedagógica que colocou a criança no centro do processo pedagógico, que produziu e enalteceu a Psicologia Educacional como fonte de toda a sabedoria sobre a infância e a escola, precisou, também, construir um novo perfil de professor. Já não era suficiente um professor que dominasse os conteúdos e os métodos de ensino, era preciso um *especialista* no desenvolvimento infantil. Processou-

se aquilo que Thomas Popkewitz (1998) caracterizou como reenquadramento da identidade profissional dos docentes.

Tratamento sistemático na obra de Ferrière teve, também, a determinação das *leis* da educação. Desde o final do século XIX, em praticamente todo o mundo Ocidental, a Pedagogia procurou firmar-se como ciência no bojo da afirmação da ciência positiva. Os esforços de experimentação, de generalização, de fixação de leis universais, indicam claramente esse movimento. O conhecimento e a determinação de *leis* (como afirmou Everardo Beckheuser, apoiando-se em Augusto Comte, é necessidade da ciência determinar o que “há de constante entre elementos variáveis”, 1942, p. 32) no campo pedagógico foi o esforço mais nítido desse processo. Adolphe Ferrière empreendeu esforços para estabelecer as *leis* da ciência pedagógica. Leis do progresso, da economia (máximo de efeitos úteis, mínimos de esforços inúteis), da consagração e desenvolvimento da energia, do progresso por diferenciação e consagração, da manifestação sucessiva dos instintos, tendências, interesses, foram por ele tratadas.

A Escola Ativa resumia-se em três palavras para Ferrière: **Ciência, Verdade e Fé**. Dizia o autor que se a Escola Ativa tivera êxito em diversos países no mundo, isso não se devia a um homem, nem a um grupo, nem a uma nação, “mas a Verdade que ela contém em si, à sua conformidade com as grandes leis da vida e do espírito, que o Homem, na sua marcha vacilante para a luz, arranca dia após dia ao Desconhecido” (1965, p. 33).

A Escola Ativa era baseada na autonomia dos educandos, na atividade espontânea, no auto-governo, na experiência pessoal da criança, na liberdade, na criatividade, na individualidade e nos métodos ativos. A Escola Ativa seria, então, a escola da espontaneidade, da expressão criadora, da liberdade. Para Ferrière, o fim da Escola Nova não era “a aquisição de conhecimentos inscritos num programa, mas a conservação e aumento da potência do espírito da criança” (1934, p. 52), e seu objetivo seria o de formar personalidade equilibradas e harmoniosas, “com o sentido de serem obreiros ativos e construtivos da justiça e da paz no mundo” (1934, p. 53). Todo o formalismo da escola e todas as práticas que estivessem “à margem da vida” deveriam ser banidas definitivamente dos meios educacionais.

O fim mais importante da Escola Ativa era o impulso espiritual da criança e o desenvolvimento da autonomia moral do educando. Ferrière debatia-se contra a moral

“feita de fórmulas” e defendia a liberdade reflexiva, “em que o indivíduo já senhor do ambiente guia a sua vontade de forma a servir-lhe a inteligência” (1934, p. 67).

A autonomia dos escolares tem, na obra de Ferrière, uma centralidade. Neste sentido, para ele, o ideal da escola seria o de “libertar o aluno da tutela do adulto para o colocar sob a tutela da própria consciência moral (1934, p. 83). Na prática, a autonomia dos escolares deveria ser uma forma de organização escolar na qual se confiaria aos alunos a disciplina e o funcionamento escolar. Adolphe Ferrière defendia o desenvolvimento do trabalho escolar no sentido de que permitisse ao aluno a passagem daquilo que denominava de autoridade consentida (quando a criança recebe a matéria prima dos seus juízos e forma hábitos) para a autonomia crescente, uma vez que “senhoras de si mesmo, as crianças sê-lo-ão também da sua pequenina república” (a escola) (1934, p. 85). Segundo ele, os alunos deveriam assumir responsabilidades “da ordem social escolar” para que mais tarde pudessem enfrentar devidamente os problemas da “ordem política do seu país” (1934, p. 80).

Para concluir, é preciso dizer que Adolphe Ferrière foi um homem que acreditava profundamente na essência humana e na redenção da humanidade pela escola. O desenvolvimento da liberdade humana e da democracia, o incentivo à atividade espontânea da criança, à autonomia moral e intelectual, o respeito pela individualidade dos escolares, a busca da justiça, da paz mundial, da ciência enquanto elemento de progresso e de verdade, o aperfeiçoamento social, são os pilares do pensamento de Ferrière. Para entender quem foi esse homem e situar sua produção intelectual é preciso perguntar: quem foi, afinal, Ferrière? Um psicólogo, biólogo ou sociólogo? Um pedagogo, filósofo ou professor? Tudo isso ou nada disso? Neste sentido, Émile Planchard ajuda-nos a entender a posição de Ferrière. Planchard no Prefácio da tradução da *A Escola Activa* (1965) assim caracterizou o *Profeta da Educação Nova*:

O verdadeiro Ferrière, aquele cuja influência há de continuar a exercer-se benéficamente nos educadores de hoje e de amanhã, não se encontra no biólogo nem até no psicólogo. A sua autêntica originalidade e a sua mensagem devem ser procuradas na parte da sua obra que diz respeito directamente à prática escolar, à escola activa (p. 11).

Homem da prática? Assim poderia ser caracterizado Ferrière? Talvez. Não foi, contudo, essa imagem que ele próprio almejou para si. Ele pretendia, efetivamente,

passar para a história como um dos grandes teóricos da Escola Ativa. Sua produção e sua *peregrinação* pelo mundo indicam essa vontade.

Referências Bibliográficas:

1. BACKHEUSER, Everardo. *Manual de Pedagogia Moderna*. Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 3ª ed. atualizada e remodelada de “Técnica da Pedagogia Moderna”, 1942.
2. FARIA DE VASCOCELOS. *Une École Nouvelle en Belgique*. Préface de Adolphe Ferrière. Paris: Delachaux & Niestlé, 1915.
3. FERRIÈRE, Adolphe. *Transformemos a Escola. Apelo aos pais e às autoridades*. Tradução de Álvaro Viana de Lemos e J. Ferreira da Costa. Paris: Livraria Francesa e Estrangeira. 1928. (Biblioteca do Educador).
4. FERRIÈRE, Adolphe. *A lei biogenética e a escola ativa*. Tradução de Noemy Silveira. Prefácio de M. B. Lourenço Filho. São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos, 1929. (Biblioteca de Educação).
5. FERRIÈRE, Adolphe. *A escola por medida pelo molde do professor*. Tradução: Vítor Hugo Antunes. Porto: Editora Educação Nacional, 1934.
6. FERRIÈRE, Adolphe. *A Escola Activa*. Tradução de Domingos Evangelista. Porto: Editora Nacional de António Figueirinhas, 1934.
7. FERRIÈRE, Adolphe. *A Escola Activa*. Tradução Jorge Babo. Prefácio de Émile Planchard. Lisboa: Ed. Aster, 1965.
8. FERRIÈRE, Adolphe. *L'autonomie des écoliers. L'art de former des citoyens pour la nation et pour l'humanité*. Neuchâtel - Paris: Delachaux & Niestlé, 1921.
9. FERRIÈRE, Adolphe. *L'École Active*. 3ª ed. Genève: Éditions Forum, 1926.
10. FERRIÈRE, Adolphe. *L'Amérique Latine adopte l'École Active*. Neuchâtel - Paris: Delachaux & Niestlé, 1931.
11. FERRIÈRE, Adolphe. *La Ley biogenética y la Escuela Activa*. Com un estudio preliminar de Lorenzo Luzuriaga. Madrid: Publicaciones de la Revista de Pedagogia, 1928. (Tradução espanhola).
12. NÓVOA, António. *Le temps des professeurs*. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle). Vol. I e II. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
13. NÓVOA, António. Uma educação que se diz *nova*. In: CANDEIAS, António; NÓVOA, António; FIGUEIRA, Manuel H. *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana Lopes (1932-1941)*. Lisboa: Educa, 1995.
14. POPKEWITZ, Thomas. A administração da liberdade. In: WARDE, Miriam Jorge (org.) *Novas políticas educacionais: críticas e perspectivas*. II Seminário Internacional. São Paulo: PUC, 1998.